6

DISCURSO

pronunciado na Camara Temporaria

em sessão de 5 de Abril de 1864,

acerca das violencias, roubos e perseguições, commettidas no Estado Oriental, pelas autoridades civis e militares da Republica, contra as pessoas e propriedades de subditos brasileiros ali residentes,

PELO DEPUTADO

EVARISTO FERREIRA DA VEIGA.

CAMPANHA.

TYPOGRAPHIA DE BERNARDO S. DA VEIGA. — MINAS GERAES.

1864.

JUIZO ACERCA DESTE DISCURSO.

O Sr. ministro e secretario dos negocios estrangeiros compareceu hontem na camara dos Srs. deputados para responder á graves interpellações.

S. Ex. foi interpellado simultaneamente pela opposição e pelos seus proprios correligionarios politicos.

Forão interpellantes os Srs. deputados Ferreira da Veiga e Neri.

Eis aqui as interpellações do primeiro:

« 1.º Quaes as providencias que tomou o governo imperial acerca das violencias, roubos e perseguições commettidas na campanha do Estado Oriental do Uruguay pelas autoridades civis e militares da republica contra as pessoas e propriedades de subditos brasileiros alli residentes, como tudo foi representado ao mesmo governo pelo general Antonio de Souza Netto?

« 2.º Se o governo já teve conhecimento do castigo barbaro e humilhante que soffreu, em dias do mez de Fevereiro, um cidadão brasileiro, natural da provincia do Rio Grande do Sul, por ordem do coronel Leandro Gomes, no departamento de Paysandú, á vista da canhoeira brasileira *Belmonte*, que ali se achava?

« 3.º Qual a rasão porque o governo imperial não tem dado andamento ás reclamações de subditos brasileiros por motivos semelhantes, apresentadas ao governo da mesma republica, pelos agentes diplomaticos do imperio nestes ultimos tempos?

« 4.º Como pretende o governo garantir d'ora em diante as vidas e propriedades dos brasileiros residentes no Estado Oriental durante a guerra que actualmente assola aquelle paiz?

. . . . . .

A discussão foi iniciada pelo digno deputado mineiro, o Sr. Ferreira da Veiga, cujo notavel discurso deu incontestavelmente aos debates o tom especial que os tornou tão solemnes e tão *nacionaes*.

Os quatro pontos da interpellação forão desenvolvidos com grande habilidade, circumspecção, perfeito conhecimento da materia e sem vista alguma, sem o menor preconceito de partido.

Ficou evidentemente demonstrada, por factos judiciosamente commentados, a condição afflictiva a que se achão redusidos os brasileiros residentes na Republica Oriental, e tambem a gravidade da situação internacional resultante desse facto, assim como as serias complicações que nos podem sobrevir pela provincia do Rio Grande do Sul.

Expostas com admiravel tino e lucidez todas as urgencias da situação, o habil expositor, como membro que é da minoria da camara, deu com rasão por cumprido o seu dever, louvando-se no governo quanto a solução do problema.

O joven orador foi ouvido com notavel attenção pela camara. A sua palavra eloquente, firme, circumspecta e conscienciosa, commoveu por vezes o auditorio a ponto de motivar repetidas exclamações de sympathia.

Essa sympathia foi bem tributada ao digno herdeiro de uma das mais poderosas vozes que, a trinta annos, naquelle mesmo recinto, em dias memoraveis da nossa historia politica, advogára com firmesa o verdadeiro patriotismo a causa da nação.

A provincia do Rio Grande deve ler o discurso do Sr. Ferreira da Veiga com profunda attenção. O orador não só advogou habilmente a causa dos Rio-Grandenses, como tambem manifestou a justa consideração que lhe merece aquella importantissima parte do Imperio.

. . . . . .

(Do *Espectador da America do Sul.*)

O Sr. Dr. Evaristo Veiga desenvolveu hoje na camara, de que é membro, com bastante eloquencia, os diversos pontos das interpellações, já annunciadas nesta folha, sobre os nossos negocios do Rio da Prata.

O illustre deputado foi ouvido no meio de geral silencio, interrompendo-o apenas as explosões de indignação, partidas de todos os lados da camara, ao ouvir a narração das atrocidades de que tem sido victimas os nossos compatriotas no Estado Oriental.

As felicitações que recebeu o deputado mineiro ao findar o seu excellente discurso, são sufficientes para lisonjear o amor proprio de quem, como S. Ex. e outros amigos nossos, se achão na camara em uma posição de independencia e dignidade, mas ao mesmo tempo suspeitosa aos amarellos, que julgão ver no menor aceno, no mais insignificante gesto, a mesma ambição que os devora a todos.

Declarando o Sr. Dr. Evaristo que a questão agitada por elle não era de partidos, mas do interesse geral de todos os brasileiros, provocou unanimes manifestações de adhesão de toda a camara, pois todos comprehenderão, que em face de uma tál situação, a interpellação por partir deste ou daquelle lado não perdia cousa alguma de seu caracter eminentemente patriotico.

. . . . . .

(Do *Constitucional.*)

CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS.

O Sr. Ferreira da Veiga:— (*movimento geral de attenção e profundo silencio).* — Peço a V. Ex. que se digne mandar-me os artigos de minha interpellação. (*E' satisfeito*).

Sr. presidente, o nobre ministro de estrangeiros, por occasião das interpellações feitas a S. Ex. pelo meu distincto collega e amigo, deputado pela provincia de S. Paulo, declarou á camara que a politica do governo imperial em relação á luta que dilacera o Estado Oriental do Uruguay, não podia ser outra senão de stricta neutralidade, mas que o governo imperial tinha os olhos voltados para aquelle ponto da America, onde existem muitos Brazileiros, sobre cuja vida e propriedade cumpre velar.

Disse ainda S. Ex. que o governo era solicito em promover por meio dos agentes diplomaticos as respectivas reclamações, e que emquanto não perdesse a esperança de que este meio fosse proficuo, não podia recorrer a outro mais energico, mais positivo, e sem duvida mais efficaz.

Disse ainda o nobre ministro que a vinda do general Netto á capital do imperio não devia fazer alguem crer que pudesse alterar, que pudesse modificar a politica de neutralidade adoptada pelo governo imperial; que aquelle distincto general veio a esta côrte como qualquer outro cidadão, em caracter puramente particular.

Declarou por ultimo o nobre ministro que qualquer medida que o governo julgasse de necessidade adoptar, promptamente seria communicada ao parlamento.

Creio que em resumo foi o que disse S. Ex. (*O Sr. ministro dos negocios estrangeiros faz signal affirmativo.*)

Se eu julgasse, Sr. presidente, que na luta travada no Estado Oriental do Uruguay não estão compromettidos muitos e importantes

interesses de subditos Brazileiros ; se eu não soubesse que a necessidade de defender a vida, a honra e a propriedade, obrigou cerca de 2,000 dos nossos concidadãos alli residentes a empunharem as armas, tomando assim uma parte activa na guerra civil que assola aquelle paiz, eu não estranharia que o nobre ministro nos declarasse nesta casa que a politica do governo era de stricta neutralidade ; e embora não acredite na força magnetica dos olhos de S. Ex. e dos seus collegas, eu contentar-me-hia com a declaração feita de que o governo imperial tinha os olhos voltados para aquelle ponto da America.

Mas infelizmente, senhores, eu sei que contra a asserção do nobre ministro a vinda do general Antonio de Sousa Netto a esta côrte não foi a vinda de um simples cidadão ; o distinto e bravo general representando cerca de 40,000 Brazileiros residentes no Estado Oriental do Uruguay, constituindo-se orgão de suas queixas, écho de seus gemidos, veio em nome delles representar ao governo imperial contra as violencias e attentados de que são victimas ; veio saber se esses 40,000 Brazileiros têm direito a protecção do Estado ou se devem só confiar em sua força, em seu valor. O distincto general veio a esta côrte ver se pessoalmente podia conseguir o que não póde obter por meio do uma representação, que me consta foi dirigida ao governo imperial em fins do mez de Novembro por intermedio do Sr. visconde de Abaeté ; o intrepido Rio Grandense veio talvez para declarar ao governo que, se 40,000 Brazileiros residentes no Estado Oriental do Uruguay não têm direito á protecção do governo imperial, elles têm meios, têm recurso, têm força para se protegerem, para fazer justiça por suas proprias mãos.

Já vê pois V. Ex., Sr. presidente, que a vinda desse bravo militar a esta côrte não foi a de um simples cidadão, como nos declarou o nobre ministro. E, estando elle entre nós ha mais de um mez, e tendo o nobre ministro nos promettido que qualquer medida que julgue de necessidade adoptar em relação ao Estado Oriental do Uruguay promptamente communicaria á camara, creio que presto um favor ao governo, proporcionando occasião opportuna para esta declaração.

Como V. Ex. sabe, Sr. presidente, sou opposicionista ; não posso, pois, estar ao facto dos segredos das secretarias de estado ; e não querendo pedir informações ao governo por meio de requerimentos, por isso que, quando votados nesta casa, podem ter a sorte que creio teve um que foi apresentado por um illustre deputado pelo Rio-Grande do Sul, o qual foi adoptado a mais de um mez, sem que até hoje produzisse nenhum resultado, nestas circunstancias eu tenho necessidade de communicar á camara o que se me tem dito, o que contém essa representação que foi dirigida ao governo imperial pelo valente general Antonio de Sousa Netto ; tenho necessidade de expor á casa o que tenho lido em um jornal publicado nesta côrte, redigido por um dos nossos mais distinctos diplomatas, e que têm perfeito conhecimento dos factos que se têm dado ultimamente no Rio da Prata, e de todas as questões que ahi tem sido debatidas.

Sr. presidente, é fóra de duvida que cerca de 2,000 Brazileiros se achão em armas no Estado Oriental do Uruguay, sob o mando do general Flôres ; não pense porém, V. Ex., que elles forão levados a este acto de desespero ou de coragem, porque o partido colorado seja aquelle que menos hostil se mostra para com o imperio ; não, como ja disse, foi a necessidade de defender a vida, a honra e a propriedade que levou esses nossos considadãos a esse acto extremo. Elles forão arrastados a tomar tão audaz e arriscada deliberação, por que com razão pouco ou nada devião esperar das reclamaçções feitas por intermedio dos nossos agentes diplomáticos, as quaes têm sido sem nenhum resultado até hoje, e, pois, resolvêrão appellar para o campo da batalha, preferindo morrer ahi, a serem assassinados em suas proprias casas, depois de roubados, depois de profanada a honra de suas familias.

Além de muitos factos escandalosos, de muitos crimes, de muitas violencias praticadas pela força do actual governo da Republica Oriental do Uruguay, contra subditos Brazileiros e que vem mencionados no relatorio de estrangeiros, sou informado que nestes ultimos tempos outros muitos e mais graves attentados têm se dado naquelle paiz.

Eu sei, Sr. presidente, que o general Netto é um daquelles que mais têm soffrido em sua propriedade ; sei que depois de sua partida para esta côrte forão accommettidas algumas de suas estancias e dellas rou-

bados mais de 1,500 cavallos e grande quantidade de gado, æmaior parte do qual era deixado morto pelas estradas, tirando-se lhe apenas as linguas. Estes e outros actos de violencia, estes e outros crimes, estas e outras muitas provocações, não puderão demover ao valente general a annuir ao convite de seus amigos, — de seus antigos companheiros de armas, para se collocar a frente dos Brazileiros armados que, não confiando na protecção do governo imperial, recorrêrão á sua força, ao seu valor.

O Sr. Costa Pinto:— Para repellirem as violencias dos agentes officiaes.

O Sr. Ferreira da Veiga ; —Essas violencias, Sr. presidente, no Estado Oriental, são quasi todas, como diz o nobre deputado, commettidas pelos agentes officiaes ; são commettidas pelo exercito da republica ; ás forças da legalidade se attribue a morte de muitos Brazileiros, que são encontrados decapitados pelas estradas, pelos campos, trazendo alguns delles por escarneo na boca o titulo de sua nacionalidade! (*Sensação.*)

Sr. presidente, esta questão não é questão de partido. (*Apoiados geraes e repetidos.*) V. Ex. vio que, havendo eu annunciado á casa estas interpellações, um honrado membro meu adversario, distincto deputado pela provincia do Rio-Grande do Sul, declarou que tambem tinha de interpellar o governo sobre motivo identico. Eu comprehendo que esta questão mais intimamente interessa a provincia do Rio Grande do Sul...

O Sr. Junqueira : — Interessa a todo o Brazil. (*Apoiados.*)

O Sr. Ferreira da Veiga: — ... mas, mais intimamente á provincia do Rio Grande, e, pois, de bom grado entrego aos nobres deputados por essa provincia o desenvolvimento desta questão, que me parece muito e muito grave (*muitos apoiados*), para a qual não vejo nenhuma solução satisfactoria, porquanto, respeitando a opinião autorisada do digno redactor do *Espctador da America do Sul*, me parece, Sr. presidente, que della ha de vir necessariamente, ou uma guerra civil ou uma guerra internacional.

Se o governo julgar que deve apartar-se da neutralidade a que se tem proposto, violando assim um compromisso tomado com a republica Oriental do Uruguay, o Brazil necessariamente terá de lutar com o governo daquella republica, e não nos illudamos, não estamos em 1850, não temos a situação economica e financeira favoravel de então, não temos hoje os auxiliares poderosos que então encontrámos.

Mas, se o governo imperial julgar que os reclamos de 40,000 Brazileiros existentes no Estado Oriental do Uruguay, não devem ser attendidos, se julgar que essa grande fracção da immensa familia Brazileira não tem direito a protecção do Estado, então as relações de commercio, as relações de sangue, o espirito de nacionalidade podem erguer uma luta na provincia do Rio-Grande do Sul, cujos filhos sabem apreciar mais que tudo o valor e a honra. (*Apoiados.*)

A imprensa dessa provincia tem ligado a maior importancia a esta questão ; peço permissão para ler á camara o trecho de um jornal que já chama a população do Rio Grande do Sul ás armas :

« Mais uma vez a primeira potencia sul-americana ultrajada, escarnecida, insultada e provocada mil vezes pelo governo oriental, por seus decretos, por sua imprensa, por seus ministros plenipotenciarios, por suas hordas de assassinos, por seus alcaides, por todos e por tudo emfim ; mais uma vez a primeira potencia sul-americana FOI HUMILDE BEIJAR A FRANJA DO SANGRENTO CHIRIPÁ DO GAUCHO ORIENTAL.

« Mais uma vez o Brazil humilhou-se, desfez-se em satisfações, QUANDO DEVIA ATIRAR A LUVA Á FACE DAQUELLE GOVERNO FALSARIO E PERVERSO. Enviou HUMILDE UM MINISTRO *para limpar com as abas da sua casaca a poeira da secretaria de estrangeiros em Montevidéo*, quando devia ENVIAR UM EXERCITO PARA PROTEGER OS INTERESSES DE SEUS SUBDITOS *e derrubar* de uma vez para sempre os tigres de *Quinteros*, que são inimigos natos de todos os Brazileiros.

« E o gabinete de S. Christovão se conserva SURDO a esse clamor, DESPREZA AS RECLAMAÇÕES DO NOSSO VALENTE NETTO, soffre calado os insultos da imprensa montevideana, tolera a emissão de decretos que manifestamente violão os tratados existentes.

« E o gabinte de S. Christovão se conserva MUDO E QUEDO ante a

DESGRAÇA DE TANTOS MIL BRAZILEIROS, não comprehende ou NÃO QUER comprenhender a nobre missão que Deos deu ao Brazil fadando-o para ser a primeira potencia da America do Sul.

« Pobres compatriotas que estais indefesos e SEM PROTECÇÃO entregues ao furor de vossos verdugos!

« Infelizes QUARENTA MIL BRAZILEIROS, do Estado Oriental, que não tendes um governo que faça respeitar o vosso direito!

« Não conteis com o vosso paiz; *confiai em vós* E SÓ EM VÓS.

« Quando não puderdes soffrer mais a vexação a que estais expostos, tomareis as armas em vossa propria defesa e Á VOSSA FRENTE ENCONTRAREIS O VALENTE NETTO. »

Já vê, pois, o nobre ministro que com razão eu me dirijo a S. Ex. inquirindo quaes as providencias que tomou o governo imperial ácerca das violencias, roubos e perseguições commettidas na campanha do Estado Oriental do Uruguay pelas autoridades da republica contra pessoas e propriedades dos subditos Brazileiros alli residentes, como tudo foi representado ao mesmo governo pelo general Antonio de Sousa Netto.

O 2º artigo das minhas interpellações contém a historia de um facto horroroso, de um crime revoltante, eu o exporei a camara, fazendo sobre elle mui breves, mui ligeiras considerações.

Em dias de Fevereiro do corrente anno, um Brasileiro, guarda nacional do batalhão de Pelotas, transpôz a fronteira, munindo-se de um passaporte que tinha o — visto — de um nosso vice-consul, e dirigio-se, á negocio particular, ao departamento de Paysandú. Ahi chegando foi obrigado a sentar praça no exercito da republica, apezar de suas reclamações, apezar da exhibição do titulo de sua nacionalidade. Este infeliz Brazileiro dirigio-se ao commandante da imperial canhoneira *Belmonte*, o Sr. Piquet; pedio-lhe que o recebesse a bordo, para que o livrasse de prestar serviço no exercito da republica; o Sr. Piquet declarou-lhe que não o podia levar para bordo, mas que, se elle por qualquer meio pudesse se transportar para a canhoneira, ahi, junto ao costado de um vazo nacional, teria apoio e protecção.

O infeliz, para realizar seu intento, seguindo o conselho do Sr. Piquet, tratou de se embarcar em uma pequena canoa; nesse interim foi preso, levado á presença do governador de Paysandú, o coronel Leandro Gomes, que julgou que esse crime extraordinario, esse attentado horroroso merecia ser punido com mais de 1,000 açoites!! (*Sensação.*) Essa sentença iniqua, essa sentença barbara..... horrorisem-se os nobres deputados! foi executada á vista da canhoneira *Belmonte*, — ao alcance das ballas de seus canhões!!...

(*Movimento nas galleri s, e viva sen ação na camara.*)

O Sr. Lopes Netto: — Para que serve nossa marinha!

Uma Voz: — O que fez o commadante da canhoneira *Belmonte?*

O Sr. Ferreira da Veiga: — Não foi esse facto communicado ao nobre ministro pelo commandante da canhoneira, o Sr. Piquet?...

O Sr. Junqueira: — Alguma força ingleza ou franceza que alli estivesse queimaria o ultimo cartucho!

O Sr. Ferreira da Veiga: — Por ventura esse attentado do carrasco de Paysandú não foi communicado ao nobre ministro por algum dos nossos vice consules? não teve S. Ex. noticia delle por intermedio do nosso ministro em Montevidéo? Um tal facto, ou outro qualquer cem vezes menor, que fosse commettido contra algum subdito da Inglaterra, da França ou dos Estados-Unidos, em qualquer ponto do Imperio, o que julga o nobre ministro que teria em resultado?...

Mas, perguntão-me: — O que fez o commandante desta canhoneira? — Alguns dias depois, jantando o Sr. Piquet a bordo da canhoneira *Parnahyba*, e fallando-se á mesa desse facto horroroso, perguntou-lhe o general Netto: — E vós o que fizestes, commandante? — O digno official, possuido da mais justa indignação, e talvez com lagrimas nos olhos, respondeu: — Nada fiz! — E porque, senhores? O nobre ministro deve saber, porque deve conhecer quaes forão as instrucções que forão dadas a esse official! (*Profunda sensação.*)

O Sr. Lopes Netto: — Isto é horroroso!

Uma Voz: — Que vergonha, meu Deos!

O Sr. Ferreira da Veiga: — Não penso a camara que é este o

unico facto desta ordem que se tem dado alli: outros muitos attentados têm sido commettidos ultimamente contra subditos Brazileiros. Foi assassinado Ignacio da Silva, em Taquarembó, pelo capitão Lindogo; Nico Coronel assassinou em Serro-Largo toda a familia de Silveira, e hoje passeia impune alistado no exercito da republica; foi elle ainda quem matou o fasendeiro Leonardo Hilario; o sargento Baldan assassinou, em Taquarembó, dous innocentes meninos, um de 15 annos e outro de 12, filhos dos Brazileiros Madeira e Manoel Domingues, e, senhores, prendeu-se como autor deste crime ao Brazileiro Querino Bueno de Camargo, que, sem sentença e sem processo, foi condemnado a serviço publico, e lá está vorrendo as ruas da capital do departamento: João Bahiano foi morto pela policia de Canelones, em face do proprio chefe politico; Francisco Borges foi assassinado pelo Oriental Garcia, e antes de morrer soffreu toda sorte de violencias, e amarrado foi condusido por muitas praças, pelos proprios agentes da policia; Manoel Antonio Pereira, Valentim Moreira, Militão Machado dos Santos, Condeça, e outros muitos, forão todos assassinados pelos proprios depositarios de autoridades; João Silveira, estabelecido com estancias em Valentim, só porque deu um cavallo ao general Flôres quando passou por alli, foi preso, posto em torturas, e tres dias depois solto, porque... havia enlouquecido! Ao crime ajuntão o escarneo. Arrastou-se pelas ruas de Taquarembó o emblema da nação Brazileira, a bandeira nacional, e o autor deste grande attentado passeia hoje livremente! *(Sensação.)*

O Sr. Tavares Bastos: — Esse facto é do tempo do Sr. Taques.

O Sr. Ferreira da Veiga: — Não estou fazendo recriminações ao governo actual, nem é possivel que o nobre ministro seja responsavel por tudo que tenho referido á camara. Em Serro-Largo ha pouco mais de um mez foi injuriado, ameaçado em uma praça publica pelo chefe politico Modesto Polanco o nosso vice-consul João Jacintho Ferreira de Mello, porque teve a coragem, porque teve a ousadia de reclamar a isenção do serviço militar forçado na republica, para os subditos Brazileiros.

O Sr. Barros Pimentel: — Todo o Brazileiro, qualquer que seja a sua côr politica, deve repellir semelhantes insultos. *(Apoiados.)*

O Sr. Ferreira da Veiga: — Em Paysandú acaba de declinar a honra de ser nosso vice-consul naquelle departamento o digno Sr. Carneiro de Campos, declarando que não podia continuar naquelle caracter, porque não tinha coragem para presenciar as humilhações, as offensas e os ultrages feitos a nossos patricios.

Um Sr. Deputado: — A um governo destes ninguem deve servir.

Outro Sr. Deputado: — E' uma vergonha!

O Sr. Ferreira da Veiga: — A respeito do 3º artigo das minhas interpellações digo ao nobre ministro que sei que nossas reclamações têm sido sem nenhum resultado até hoje, e creio que assim continuarão, continuando essa politica de neutralidade tão preconisada por S. Ex.

Sei que são estas causas accumuladas que têm levado a 2,000 de nossos concidadãos a esse acto de desespero ou de coragem; sei que são essas causas accumuladas que têm produsido muitos dos factos que acabo de expôr á camara; tenho, pois, direito de perguntar ao nobre ministro quaes os motivos que têm demorado essas reclamações até hoje. S. Ex. deve conhecê-los, porque S. Ex. nos declarou nesta casa que o governo era solicito em promover as reclamações, que emquanto não perdesse a esperança de que este meio fosse proficuo, não podia o nobre ministro recorrer a outro mais energico, mais positivo.

Em que se funda porem a esperança do nobre ministro? Interpello a S. Ex. para que o declare á camara, para que possamos apreciar a sollidez de suas bazes.

Quanto ao ultimo artigo, Sr. presidente, confesso a V. Ex. que quando soube que o governo imperial mandára reprehender severamente o nosso ministro em Montevidéo, só por ter elle consentido que o bravo general Netto se transportasse em um navio de guerra nacional de Buenos-Ayres para aquella capital, fiquei acreditando que o distincto Rio-Grandense pouco ou nada devia esperar de um governo assim tão snspeitoso, em faver do objecto de sua representação.

Mas essa representação ha de ser attendida na parte em que pede

protecção para mais de 40,000 Brazileiros, que, se não forem attendidos pelo governo imperial, ante o qual se apresentão por meu intermedio, porque me posso constituir representante desses 40,000 compatriotas nossos *(muitos apoiados)*, a provincia do Rio Grande do Sul, essa tão importante fracção da familia Brazileira, poderá se erguer toda inteira, para vingar os seus direitos offendidos na pessoa e na propriedade desses nossos irmãos.

O Sr. Barros Pimentel : — Isto não é conselho que dê um conservador !

O Sr. Ferreira da Veiga : — Eu não estou dando conselhos *(apoiados.)*; estou expondo as difficuldades da situação. Não sou governo; não me pertence propôr alvitre algum para ser seguido.

(Ha diversos apartes, entre os quaes o seguinte.)

O Sr. Junqueira : — O nobre deputado está apresentando os perigos da situação, não dá conselhos.

O Sr. Ferreira da Veiga :— Sr. presidente, a neutralidade em face de uma guerra travada entre duas nações ou entre uma fracção de um Estado e o seu governo legitimo ou legal, eu tenho visto aconselhada por estadistas europêos e americanos, e por publicistas notaveis, e tenho visto posta em practica por mais de um governo justo e cauteloso. E' assim que a Europa asssistiu impassivel á grande luta dos Estados-Unidos, ás invasões do Piemonte, ao exterminio atrocissimo dos Polacos.

Mas o que nenhum estadista, nenhum publicista têm aconselhado nem poderá aconselhar, é que um estado se conserve tranquillo e indifferente, em stricta neutralidade, em frente do exterminio de seus nacionaes, praticado em territorio de uma nação amiga ou que o deve ser, porque a sua independencia e liberdade nos têm custado muitos sacrificios de sangue, muitos sacrificios de dinheiro *(Numerosos apoiados)*.

— Terá, porem, o governo cumprido á risca essa neutralidade de que nos fallou o nobre ministro? Será neutralidade recommendar-se aos nossos agentes diplomaticos no Estado Oriental do Uruguay, e ao presidente da provincia do Rio Grande do Sul, que procurem por todos os meios afastar os Brazileiros do exercito do general Flôres,

sem que se reclame em favor dos nossos compatriotas, que são constrangidos a se alistar no exercito da republica? Será neutralidade tratar o governo em suas notas e em seus officios como rebeldes aos soldados do general Flôres? Não sabe o nobre ministro que a melhor força do general Flôres está na sympathia e adhesão que têm inspirado aos Brazileiros?

Pergunto ainda ao nobre ministro: reconhece S. Ex. como legitmo o governo actual do Estado Oriental do Uruguay? Não têm o nobre ministro noticia do manifesto feito pelos senadores deportados?

Não sabe S. Ex. das violencias, dos excessos, das illegalidades e dos crimes commettidos, para que fosse eleito presidente da republica o Sr. Aguirre?

Têm calculado o nobre ministro, quaes serão as consequencias de uma victoria alcançada pelo exercito da republica?

Acaso não teme S. Ex. o *væ victis* dos vencedores, e após este grito de exterminio os gritos e gemidos de quarenta mil Brazileiros moribundos?

— Uma consideração de de tão grande alcance, parece-me que não deve ser despresada !... *(Apoiados.)*

O Sr. Nebias : — Sem duvida.

O Sr. Ferreira da Veiga :— Para o que têm servido, Sr. presidente, a nossa diplomacia no Rio da Prata?

O Sr. Lopes Netto : — Para gastar muito dinheiro inutilmente.

O Sr. Ferreira da Veiga:— Qual a missão da diplomacia em todos os pontos do globo? Que resultados têm colhido o paiz da intervenção desses juizes de paz das nações, á que se chama embaixadores e plenipotenciarios? — Não servem para evitar a guerra, nem para defender os direitos e os interesses dos nossos concidadãos!!

Tenho ouvido dizer cousas que não abonão muito o tino politico, a habilidade diplomatica do Sr. Loureiro : não sei qual seja o fundamento dessas asserções, mas declaro que os ultimos acontecimentos do Estado Oriental, parecem confirmar o que se diz desse funccionario.

O Sr. Lopes Netto : — E' preciso ver que instrucções têm elle.

O Sr. Tavares Bastos — Está acreditado junto á Confederação Argentina....

O Sr. Ferreira da Veiga : — Sr. presidente, dizem os publicistas — *Si vis pacem, para bellum* —. Quizera que o governo imperial, de accordo com o espirito ou com a letra deste preceito, tomasse uma decisão digna e honrosa para o imperio, na actual situação dos negocios gravissimos do Estado Oriental do Uruguay. Não me pertence suggerir o alvitre que deva ser seguido; não quero para mim nem a gloria, nem a responsabilidade de uma medida qualquer nesta emergencia difficil. A solução pertence ao governo, porque o governo é quem dirige a sociedade em sua vida interna, em suas relações internacionaes. Cumpra cada um com o seu dever : eu creio que tenho cumprido com o meu. (*Muitos apoiados de todos os lados da camara ; muito bem, muito bem.*)

(*O orador é comprimentado por muitos Srs. deputados.*)

TYPOGRAPHIA DE BERNARDO S. DA VEIGA. — CAMPANHA. — 1864.